

A Cultura Moche do Peru

Uma Exposição Pobre Sobre Uma Rica Cultura

DENISE C. HAMÚ

Resumo — Resenha de uma exposição temporária tendo por temática as tumbas indevassadas da Cultura Moche, das costas do Peru, e montada na Sede da Sociedade Geográfica Nacional em Washington, D.C., tendo sido inaugurada em outubro, 1988.

PALAVRAS-CHAVE: Exposições Temporárias: resenha. Arqueologia: Cultura Moche, Civilizações Andinas: Exposição Temporária.

Abstract — Review of a temporary exhibit on recently discovered unlooted Moche's Tombs in Peru, opened at the National Geographical Society headquarters, Washington, D.C., on October, 1988.

KEY WORDS: Temporary exhibits: review. Archaeology: Moche, Culture. Andean Civilizations: Temporary exhibit.

Algumas vezes o dito “veja o show, leia o livro” deveria ser invertido. O fascículo de outubro de 88 do *National Geographic* (Revista editada no Brasil sob o título de *Revista Geográfica Universal*), colocado displicentemente sobre a plataforma que suporta as vitrines da exposição *The Lord of Sipán: Golden Treasures from the New World's Richest Unlooted Tomb* (O Senhor de Sipán: Tesouros Dourados da mais Rica Tumba Indevassada do Novo Mundo.) parece sugerir exatamente isso.

A exposição focaliza a descoberta do sítio, as técnicas de sua escavação e, é claro, os ricos tesouros nele encontrados. A Cultura Moche (A.D. 100-700) toma seu nome do rio Moche, meio caminho entre as latitudes de 6° e 10° Sul, uma faixa de terra de mais de 300 Km na Costa Norte do Peru. Os Moches podem haver precedido os Incas em mais de 1.200 anos. Seus aldeamentos se distinguiam por grandes pirâmides e plataformas de tijolos de barro compactado. Não possuíam escrita, de formas que a sua arte soterrada é de enorme auxílio a reconstrução de suas culturas e rituais, e até mesmo na identificação de alguns personagens.

O Projeto Sipán está a cargo do arqueólogo Walter Alva, diretor do *Museu Arqueológico Brüning* do Peru. A partir da prisão de um ladrão de tumbas, a polícia e Alva saíram em uma batida na busca de uma quadrilha desses ladrões; que supre colecionadores peruanos e estrangeiros; e a partir daí se engajaram na busca que levou a essa esplêndida descoberta em Sipán, próximo a Lambayeque onde o museu está localizado. A escavação se iniciou em abril de 1978 e assombrou o mundo da arqueologia e das artes. Tendo o apoio parcial da National Geographic Society, o trabalho de Alva e os artefatos mereciam sorte melhor que o de serem mostrados no saguão do edifício principal dessa Sociedade.

Em primeiro lugar, para se chegar a exposição é necessário entrar pelo que não deixa de ser a porta dos fundos do complexo arquitetônico da Sociedade; compreendido entre as ruas M e N e entre a 16ª e 17ª no centro de Washington, D.C. Se em lugar disso tenta-se, como é natural, entrar pela portaria principal do prédio, tem-se que caçar uma trilha através do intrincado labirinto de uma pesada exposição que comemora o centenário da Sociedade e conclui com um show excepcional de vídeo. Este é o bônus que se recebe por agüentar essa exposição; a mágica eletrônica parece estar gradualmente roubando o show das exposições.

Imaginemos que, de uma maneira ou outra, chegamos lá. Então ainda teremos que buscar a entrada da tumba dos Moche; nenhuma indicação adequada nos ajudará. Mesmo no corredor que dá acesso a ela, duvidaremos se estamos na trilha certa. Nossa caminhada nessa senda tipo montanha russa começou.

As reproduções das pinturas de J. Gurney e N. Seidler são espetaculares, os gráficos, “posters” e especialmente as fotografias estão a altura da marca registrada da *National Geogra-*

phic. Porque então reclamar das subidas e descidas que conduzem o visitante através da exposição?

Tanto esforço foi dispendido no campo para desencavar este tesouro que é um pecado haver desconsiderado tanto isso quanto os objetos, destinando um espaço tão fora-de-mão e tão pequeno para a exposição. Trata-se de um tipo de exposição itinerante compacta, que não leva em conta nem a magnificência da descoberta, nem a surpreendente arte dos *Moche*.

Crédito sendo dado aos pesquisadores, e aos artistas plásticos que executaram as ilustrações, focalizaremos no projeto da exposição e suas implicações educacionais.

O espaço é mínimo, de fato tão pequeno que pode-se até deixar de notá-lo após a exposição gargatuélica do centenário. A entrada se dá por um corredor de 1,5 m de largura e uns 15 m de comprimento, que sobe e depois desce no interior de uma única câmara, algo como 4 x 6 m, onde todos os artefatos em ouro são mostrados em vitrines retangulares de *plexiglass*; sem nenhum controle de segurança aparente a não ser o de um guarda ao fundo observando tudo.

No corredor, as etapas do processo de escavação são mostradas em ilustrações ao longo de ambas as paredes; isto torna difícil escolher a maneira de ver; ou segue-se ao longo de um lado e retorna-se à entrada ou tem-se que alternar de uma parede para a outra. Em ambos, atrapalha-se o acesso de outros visitantes e dá-se o caos. As inclinações do piso do corredor parecem haver sido projetadas para simular a entrada do sítio arqueológico, provavelmente uma tumba. Entretanto, falha nessa função pois o que se alcança é uma sala convencional de exposição de um acesso único onde estão as vitrines de vidro.

Frente as vitrines, uma parede está repleta de informações e de pinturas (reproduções) expressivas. Uma é a vista explodida das camadas de um esquite *Moche*, a outra retrata a apresentação de prisioneiros ao sacerdote-guerreiro. Ambas, porém a segunda em especial, capturam a atenção. Os textos e as etiquetas encapsulam claramente as informações. Entretanto, a iluminação é ruim, e a penumbra ou o reflexo bloqueiam a visão.

As vitrines que contêm belos objetos em ouro não são de *plexiglass* de boa qualidade; perda de transparência devido a uma espécie de embaçamento e a ocorrência de distorções são discerníveis. Então é que vem o pior: enormes etiquetas, tão grandes quanto um papel A-4 estão coladas na face frontal das vitrines, à frente das jóias de ouro! Tem-se enorme dificuldade em encontrar um local próprio do qual se possa ver os objetos; o problema é desprovido de solução, única que seja. A realeza do brilho centenário do ouro foi roubada dos objetos *Moche* por uma museografia imprópria.

Todos os esforços gastos para ver a exposição perturbam a apreensão de seu conteúdo, e para objetivos educacionais isso significa desastre; jovens podem muito bem detestá-la. A localização da exposição evidentemente não atrai a atenção do visitante para fazê-lo parar. Quando este sai do show de vídeo da exposição do centenário, é provável que vá diretamente à loja de mapas e publicações, perdendo qualquer interesse adicional. As dramáticas reproduções das pinturas podem segurar parcialmente o visitante, entretanto, a dificuldade em ver os objetos o refrearão de permanecer por muito tempo no coração da exposição. Assim, o sucesso em comunicar a mensagem será perdido no seu pico.

De modo global, parece que o ambiente não era o adequado a tal exposição. Isso chama atenção para o que pode ser a ponta de um iceberg: só porque uma instituição patrocina, em parte, um projeto, ela deve se apegar a obrigação de que a exposição que dele possa resultar tenha necessariamente que ser mostrada em suas instalações? Objetivos de projetos de pesquisa podem não se afinar com os de exposições.

Ainda de outro ponto de vista, podemos questionar; já que a escavação dessa tumba foi iniciada em 1987; se os objetos em exposição passaram por cuidadosos processos de conservação; e.g. as combinações ouro-cobre; ou apenas pelos usuais "primeiros-socorros" de estabilização no campo. Entretanto, este é um assunto essencialmente técnico que demanda um exame mais acurado que o de uma simples resenha.

O tesouro *Moche* das pirâmides e plataformas de Sipán representa para a América o mesmo que os de Tutankamon para o Egito. Este último, encontrou seu caminho real para os museus do mundo via uma exposição magnífica, o primeiro tão somente um canto obscuro no prédio da National Geographic. Tal é a falta de apreço pela grandeza dos americanos nativos. Primeiramente, a cultura européia os dizimou, e então ainda hoje, impregnados de sentimentos europocêntricos, continuamos a olhar para o Este, através de um oceano, para um canto branco de um continente negro. Na *Illustrated Encyclopedia of Archaeology* (New York: T.Y.

Crowell Co., 1977); à qual contribuíram especialistas filiados aos mais famosos museus do mundo; a "Tumba de Tutankamon" merece quase 3 colunas de páginas *in quarto*, a Cultura *Moche*, apenas dois verbetes, "Seqüência Moche" e "Mochica (ou Moche)", totalizando 25 linhas de uma coluna. A (des)proporção é de quase 6 para 1. Os *Moches* mereciam mais. Não os átrios dos grandes museus, isto é, **somenos importância**, mas uma **exposição** melhor pensada que refletisse sua grandeza. O fascículo de outubro de 1988 do National Geographic compensa a falha da exposição (se vier a ser republicado no Brasil, o artigo é imperdível). Da página 510 à 555 tem-se tudo o que foi mostrado na exposição em amplitude máxima. Ouro, lápis-lázuli, prata, cobre, turquezas, barro vermelho tudo é capturado em fotografias maravilhosas, sobre fundo negro; nenhuma etiqueta a frente. O texto é seqüencial, apreciativo e captura o mistério do desvendar do mausoléu.

Se os *huaqueros* roubaram por séculos os tesouros *Moche* escondidos em estruturas de barro, alguém roubou dos *Moche* a oportunidade de mostrar em estilo a beleza e a grandiosidade de sua cultura, confinando-a a um *hall* frio de concreto.